

ABEL SALAZAR ARTISTA*

AMÂNDIO SILVA

ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES DO PORTO

Quando nos lembramos da imensa vida profissional e intelectual de Abel Salazar, lamentamos que, inicialmente, só se tenha dedicado à pintura nos tempos "perdidos" entre a escrita do capítulo de um livro e a chegada ao resultado de uma preparação científica. E isto porque sempre que temos presentes esses seus trabalhos, eles se impõem já como obras de arte elaboradas com uma grande força expressiva e com concretas qualidades plásticas.

A sua enorme bagagem cultural e a vasta esfera dos seus conhecimentos exactos estavam sempre ao serviço de uma sensibilidade pronta a descobrir tudo que fosse novo. Assim, toda a actividade científica e artística de Abel Salazar, tem uma mais clara explicação neste profundo pensamento de Bernard Shaw: "*A sabedoria de um homem não é proporcional à sua experiência, mas à sua capacidade de adquirir experiência*".

Abel Salazar ao imprimir um sentido progressista à maioria da sua pintura, marcando uma posição interveniente é, não só coerente consigo e com os seus ideais, como um **exemplo** pela projecção da sua figura de **Mestre** da Ciência e do Pensamento.

Integrando-se no próprio terreno do Povo e pretendendo lutar pelo direito de as mulheres trabalhadoras usufruírem de um trabalho digno e justo, de acordo, também, com a sua condição de mulheres, Abel Salazar arrancou arte das entranhas apodrecidas de uma triste realidade do seu tempo!

Sem dúvida que elas nunca souberam que foram transpostas para a Arte com tão significativa realidade por Abel Salazar, mas esta parte da sua obra, com a força de uma denúncia, contribuiu para alertar a opinião pública

* Texto extraído da obra "Abel Salazar Artista" publicada no Porto pela Comissão Organizadora das Comemorações do Centenário do Nascimento de Abel Salazar, em 1989 e que acompanhou a exposição das obras de Abel Salazar, patente em Braga no Museu Nogueira da Silva, de 30 de Setembro a 22 de Outubro de 1989.

para um sistema social que permitia tão flagrante injustiça, tão grande agressão à Mulher!

No ambiente tolhido em que se movia, vincando sempre a linha democrática da sua conduta como homem e intelectual, com o carisma "popular" da sua obra de pintor e, com a imagem daquelas mulheres que quer redimir, torna-se solidário com todos os trabalhadores oprimidos.

Assim, foi dele um dos seus apelos mais significativos que estimulou os sentimentos de justiça social que afloravam em sectores menos tradicionalistas e mais democráticos da burguesia portuense e adquiriu a força de uma **mensagem** que, fustigando, sem apontar opressores, abalou e despertou consciências...

Abel Salazar praticou exemplarmente, a seu modo, dentro das portas nacionais e dentro do seu atelier, um dos aspectos estéticos de maior debate no nosso tempo, ou seja, aquele que se refere à relação da arte com a sociedade em que se insere.

É necessário frisar-se o exílio quase forçado de Abel Salazar que o levou a um amargo vagamundear por cidades europeias, colhendo, porém, como compensação, em galerias e recheados museus, muitos ensinamentos determinantes para a sua já vasta cultura artística e estética.

Como pintor, porém, mesmo antes das suas estadias no estrangeiro, foi sempre um intérprete duma **realidade social** do seu tempo. Não é, pois, de todo estranho que, tendo privado com a arte europeia de experiência em experiência após o "cubismo", nunca tenha sentido em nenhum dos seus trabalhos a tentação sequer de planificar e delimitar superfícies cromáticas ou de vincar pelo "expressionismo" alguns dos seus temas sociais.

A experiência de variadas técnicas artísticas, o sucessivo extinguir do colorido na sua pintura, com a quase chegada à monocromia nos seus quadros, a liberdade criativa e a espontaneidade que se sente na maioria da sua actividade artística ficarão, porém, a marcar a sua oposição frontal ao ensino sistemático do desenho e aos métodos caducos que prevaleciam na **arte** portuguesa e nas duas academias nacionais, na primeira metade deste século.

Precursor em Portugal de outras expressões do pensamento moderno, Abel Salazar, em busca da sua verdade pessoal é, sem favor e sem alarde, um precursor, também, entre nós, da expressão social de um **neo-realismo** na pintura.

Abel Salazar não motivou com a sua obra as acaloradas polémicas que as exposições dos "modernistas" e dos "futuristas", da sua idade e mais novos, estabeleceram com os "clássicos" e os "académicos" do nosso meio

intelectual. Ele, que foi um vivo polemista e um crítico esclarecido, tantas vezes acicatante, não pretendeu com a sua pintura provocar a burguesia acomodada. Foi mais além, ao obrigar o cidadão vulgar a interrogar-se perante a sua pintura. Abel Salazar sabia que os seus temas eram, potencialmente, um estímulo à sensibilidade da classe média actuante e uma abertura para a solidariedade humana. O profundo sentido dessa **humanidade** nascia, essencialmente, do seu respeito pelo Povo!

Os seus trabalhos, procurando documentar e responder a exigências sociais imediatas, encontrarão, por isso mesmo, crescente interesse com o tempo, por terem surgido num momento histórico dominado por uma sociedade fútil e tacanha...

Ultrapassando, sem grande esforço, a epiderme da realidade, imprime grandeza humana às mulheres do povo que pinta, quer sejam costureiras, leiteiras, vendedeiras ou trapeiras, quer sejam carrejonas dobradas sob o peso de descomunais molhos de carqueja a subirem íngremes rampas ou trabalhadoras na Alfândega descarregando carvão, perigosamente, sobre pranchas estreitas, de manhã à noite ou carregando fardos e sacos enormes no mercado do Anjo, nos armazéns do Barredo ou da Rua Nova de S. João.

Mulheres transportando dia-a-dia pesados fardos, além do seu angustioso **drama**, mulheres que o Artista compreendia e desejava mostrar, quase paradoxalmente, numa revelação "bela" de arte.

Assim, apresenta-as anatomicamente perfeitas e de uma força física solidamente contida em todos os seus corpos, em contensão de gestos, com cabeças, tantas vezes sem rostos nítidos, envolvidas em amplos lenços para melhor harmonizar a sua ligação aos bustos. Mesmo num amontoado grupo, essas mulheres mantêm-se nos seus quadros bem definidas, serenas e dignas, revelando-nos plenamente a feminilidade de toda a "Mulher-Mãe".

São mulheres, obrigadas para sobreviverem aos mais degradantes e brutais esforços mas, em nenhum dos seus quadros, Abel Salazar desce ao pormenor da chaga, do farrapo ou do gesto teatral, para só deixar ficar bem de pé a imagem poderosa de todo aquele esforço sobre-humano.

Não se encontram nessas mulheres, como se encontra na maioria da pintura neo-realista europeia e portuguesa, dos meados deste século, a mulher degradada e faminta. É, nos seus quadros, uma mulher batida pelas tempestades da vida, conhecedora da maior miséria, mas mantendo uma dignidade que a própria força do seu trabalho justifica... Ela já é em si, nessa sua força, uma esperança de sobrevivência e de libertação. E, quando

procuramos destacar aqui, mais esta parte da sua grande obra de Artista, é por nos parecer ser ela um **documento raro**, pela presença da nossa mulher do Povo no seu lugar de Honra!

Como artista, se os temas sociais são fundamentais para caracterizar a sua obra, a sequência da evolução técnica da sua pintura, que foi para ele uma constante investigação, não é menos importante, nem menos emocionante.

Vemo-lo usar o pincel, como usou a pena, o lápis, o carvão, o cinzel, o buril, ou mesmo o martelo, para dar vida e movimentar volumes, sublinhando com decisão os pomenores na ânsia de clarificar e dinamizar os temas.

As variadas técnicas que sofregamente o vemos experimentar são uma das facetas mais notáveis do seu temperamento de artista e da sua capacidade polivalente. Reconhecido como pintor e desenhador, ele ainda tem uma pujante e qualificada obra como caricaturista, gravador, escultor e martelador de cobres, aqui também, caso único entre os artistas seus contemporâneos:

- Interessou-se vivamente pelo aspecto social das **pinturas murais**, de carácter monumental e de domínio público – são exemplos as enormes telas que fez para decorar grandes espaços vazios em casas de amigos intelectuais e a pintura monocromática do ex-café Rialto, no Porto.
- As suas **paisagens** de campos minhotos, da 1.ª fase da sua pintura a óleo, bastariam para nos revelar um pintor de extrema sensibilidade, com recursos técnicos invulgares. Com uma admirável simplicidade, sem arremedos de composições elaboradas, essas pequenas manchas descobrem-nos uma natureza em toda a sua plenitude onde pinceladas, em pequenos toques de cor, polvilham luz crepuscular por entre árvores e plantas.
- Na pintura de **retratos**, sem deixar de ser fiel ao modelo, mantém a sua experiência pictural e um apelo à pincelada livre e às cores das suas composições. Alguns destes trabalhos, que executou com flagrante empenhamento pessoal, assemelham-se a espontâneos e expressivos apontamentos, onde vigorosas pinceladas fortes, muitas vezes negras, acabam por identificar definitivamente o retratado.
- De Paris trouxe pequenas **manchas a óleo** que são, muitas vezes, do menos significativo da sua vasta obra, mas que não deixam de

ser uma eloquente ilustração da vida da mulher parisiense. Desde as damas fúteis deixando antever um rosto ou um fino perfil atrás de grandes abas de chapéus e de macias golas de pele, às "midinetes" de Montmartre e às mundanas de "cabarets", sente-se que só tocou na superfície de um aliciante tema.

Trabalhado este com maior desenvolvimento, como "Nas Galerias Lafayette" ou "Mulher do cabaret" facilmente se visona o tratamento final que daria a essa catadupa de emoções que, não tendo persistido, acabariam, praticamente, por deixar de o motivar.

Nas **aguarelas**, executadas mesmo antes das suas primeiras pinturas a óleo, manifestou logo um grande à-vontade técnico, ao captar com energia e simplicidade o mais expressivo do motivo. Estas pequenas manchas, que já nos apresentam figuras isoladas de minhotas e mulheres trabalhando ou costureiras transportando grandes "caixas de vestidos", encontramos-las recobertas com um verniz brilhante e espesso que uniformizou e amareleceu a maioria destes trabalhos. Parece-nos que este processo só lhe ocorreu posteriormente quando, pintor a óleo experimentado, não lhe agradaram as superfícies brancas e secas do papel a destacarem-se demasiado, para ele, entre as manchas baças das cores aguareladas.

Nos **desenhos**, que são muitos e nos quais experimentou, também, as mais variadas técnicas, exprime-se normalmente com diversificadas caligrafias espontâneas e pessoais cujas vibrações e clareza, são específicas linguagens que poucos artistas conseguem atingir.

As numerosas **caricaturas** que conhecemos de Abel Salazar são, na sua maioria de professores universitários, de cientistas nacionais e estrangeiros, de intelectuais e de amigos, revelam-nos quanto ele desejava penetrar na alma humana e evidenciar o que de essencial a pudesse caracterizar. Uma tal facilidade em captar traços mímicos e expressões fisionómicas, só não lhe deram notoriedade neste campo pelo seu desinteresse em caricaturar personalidades políticas. Numa retrospectiva da caricatura em Portugal, a fazer-se um dia, terá sem dúvida um lugar entre os seus mais destacados praticantes.

Na **gravura**, as águas-fortes, pontas secas e monotipias são no

seu tempo, onde ainda existia um núcleo de exímios gravadores, consideradas de grande qualidade e de sábia e primorosa execução. É curioso analisar a sua ansiedade e rapidez de feitura através dos vários estados das provas e das incisões nas chapas de cobre e de zinco que chegaram até nós.

- A sua experiência como **escultor**, mais fugaz e mais apontada quando trabalhou com o barro, tornou-se inesperadamente rigorosa e de maior exigência plástica quando martelou e repuxou os seus **pratos de cobre**. Não só pelo trabalho directo de grande esforço, lento e difícil, como pela sua elaboração obstinada e meditada no repuxamento do cobre, fez uma obra sem qualquer paralelo entre nós e que transcende os limites habituais da nossa arte. Um ligeiro croquis era a base, a única motivação para surgir um corpo de mulher pleno de expressão anatómica e de sensualidade... Por fim, uma técnica pessoal de patines e de contra-patines a fogo, completaria mais uma extraordinária obra de arte.

Evidentemente, todo este caudal de produções artísticas nada tem de casual e é motivado pela satisfação e alento que a aventura da experiência artística lhe dava, como ainda pela imperiosa necessidade que um homem de génio tem de concretizar tudo aquilo que pensa e sente. Daí a energia que se reconhece na sua vasta obra e que iria determinar, logo à partida, o sentido e a expressão que os seus trabalhos acabariam por conter.

Pelos quadros de factura mais acabada e, até por outros simplesmente começados, do que podemos considerar a última fase da sua pintura, de longe a mais abundante em trabalhos, o Artista ia, do começo ao fim do quadro, como que sempre agarrado avidamente à primeira impressão que apontara e o comovera. O próprio tom do contraplacado já era, por vezes, elemento integrante do quadro e evitava recobri-lo ou insistir num pormenor, ou numa parte, com prejuízo da total unidade da obra.

Os seus desenhos foram muitas vezes o esqueleto dos seus quadros, sentindo-se que essas impressões directas, recolhidas em pequenos cadernos, eram a motivação e a vida das suas obras. Esta sua paixão pelo **esquisso**, pela espontaneidade possível no acto da criação, pelo acto em si mesmo e pelo prazer inegável que os seus sentidos recolhiam, explica a ausência de outras procuras formais na sua obra e o insistente rebuscar das expressões técnicas e cromáticas.

É ele mesmo que nos diz que "*os cimos da arte – ou um dos cimos da arte – é só atingido por aqueles que acabam com um esboço; aqueles que*

de um mesmo jacto e numa só cristalização, esboçam e terminam, concretizando – tal é por exemplo, Velasquez”.

Abel Salazar fez muito novo, os seus primeiros ensaios de pintura com aguarelas nas quais revelou, desde logo, uma forte percepção da sua técnica através de aguadas muito livres.

Só, porém, a partir de 1920, concretizou as primeiras “manchas” de excelente **pintura a óleo**, onde se preocupou essencialmente, em dar efeitos luminosos ao motivo em pinceladas hábeis e modeladoras, numa camada espessa, cuja cor clara e carnosa vai revelando pessoas e coisas num banho de luz. Consegue a unidade do quadro com esta inteligente simplificação cromática, onde, em conformidade com o motivo distribui manchas organizadas de cores claras e limpas. Doseamento que, por fim, cientificamente anima com uma dúzia de pequenos toques de cores vivas, como que planeados e calculados desde a primeira concepção do quadro. E, sem lembrar repetição de processo nesta sua fase, a técnica repete-se, servindo sempre a forte unidade da mancha clara do fundo.

Estas suas primeiras pinturas a óleo banhadas de sol e de cor, focando paisagens, costumes simples de mulheres do povo em Mercados do Porto e Feiras do Minho, tem, como fase seguinte, um colorido mais melancólico, de inesperada sobriedade, onde tons verdes, azulados e anilados, substituem o tom carnoso de mancha geral ou, ainda, os inícios da fase mais conseqüente da sua evolução, quando as composições revelam grandes espaços e onde tons de laranja crepusculares e febris, animam conjuntos de figuras femininas que ganham nova expressão de movimento na composição geral do quadro.

Sem se assumir como Pintor, quando já outros artistas de então assim o consideravam, Abel Salazar nunca expôs nenhum desdes seus quadros que ficaram dezenas de anos na casa da Família e, só bastantes anos depois da sua morte, puderam ser expostos, sendo hoje o principal núcleo das pinturas da sua Casa-Museu.

Aqui, infelizmente, poucos trabalhos se expõem das fases seguintes de Abel Salazar, já que foi obrigado a vendê-los, para sobreviver, nas grandes exposições que se efectuaram no Porto e em Lisboa, perdido o salário de professor catedrático e investigador da Faculdade de Medicina do Porto, na consumação premeditada de mesquinha perseguição política. Vendidos, quando ele próprio sempre dizia que a vender preferia dá-los, não os encontraram os Amigos que preservaram a sua Casa e o seu espólio e jamais houve dinheiro para os comprar até por os seus preços atingirem hoje cotações altíssimas.

Ainda insatisfeito, porém, com esses magníficos ensaios de uma pintura em tons soturnos e crepusculares, acabou por procurar chegar ao "negro", ao "desespero" dos tons sombrios, das trevas que acabam por cobrir grande parte da superfície dos seus últimos quadros.

Abel Salazar escreveu sobre "a música das cores" na sua própria pintura, como sendo "as oscilações desesperadas entre dois polos, a quase monocromia, a policromia wagneriana... e o desespero ainda no "negro", no carvão, na água-forte – refúgio do desespero na procura dos acordes!".

Consideramos imprescindível, pela data, em relação à evolução da pintura de Abel Salazar, o que ele próprio escreveu sobre a pintura de Daumier, em 1934, que viu numa exposição em Paris:

"Daumier exprime, com a pintura, a sua visão da vida: – o homem, com a sua miséria, o seu drama, a sua comédia; envolve-o com o claro-escuro a luz, a penumbra; as trevas húmidas dos interiores, a luz crua do exterior e ele ora surge, das profundas trevas, como o mistério que gesticula num ricto, ora se projecta, como silhueta fantasma, na luz projectada, em foco por uma janela sobre uma parede.

A oposição da luz e sombra é o símbolo da própria alma humana; por isso talvez os artistas que mais fundo penetraram na expressão anímica do homem, como Rembrandt, como Vinci, como Carrière, instintivamente o rodeiam com o mistério das penumbras que joga com o mistério da luz. Uma é como o aprofundar dum abismo, outra como uma exclamação extática de pasmo; uma é o homem em profundidade, a outra em superfície, uma é a concentração, a outra a dispersão; uma, enfim, tende para o nada, a outra para o infinito.

Por vezes, um máximo de trevas, um mínimo de luz persiste difusa onde o homem aparece. Daumier redu-lo assim a um estado espectral, que é a expressão paroxística da vida interior".

Assim, na sua paleta, depois daquele período onde mais prevaleceram os ocres, os castanhos-avermelhados, os sépias e os tons escuros, chegou a um extremo claro-escuro, onde uma espessa atmosfera negra envolve as figuras, pondo só em evidência o ritmo da sua acção.

O Artista sentiu que com uma pintura luminosa e cromatizada não podia dramatizar e reflectir os problemas de fundo dos seus temas humanos. Dominando a luz na sua pintura, depois de 1935 restringindo-a, por vezes a exíguas penetrações na última fase, o Artista vai conquistar mais espaço maior atmosfera, para salientar a presença e a dimensão exigida pela força da sua temática. Requeria-os a sua incessante recriação das atitudes dessas mulheres de corpos fortes, mexendo-se, agora mais libertas no

silêncio de grandes espaços negros iluminados por uma míngua de luz tão coada como aquela que entra pela fresta de uma cela. E, assim, encontrada a expressão dramática do vácuo e da solidão ela ficará perenemente nesses pedaços de tela e de contraplacado.

Esta insistente procura, esta luta onde se encontra sempre uma lógica e uma regra entre a imagem óptica exterior e a sua latente imagem interior, esta fuga, em períodos sucessivos, a partir de 1930, às facilidades imediatas de uma pintura cromatizada, explicam em parte o seu anti-cromatismo, mas explicam, também, a chegada a uma pintura de viril qualidade que melhor servia e sintetizava as suas preocupações sociais e a força dramática das cenas que perseverantemente reformulava.

A impressão dinâmica de toda a acção nas suas pinturas, pela sóbria dignidade e pelo acento épico que envolvem as suas personagens, acabaram, também, por exigir novas experiências dimensionais aos seus quadros que se sucedem inevitavelmente maiores, revelando a ânsia criadora do Artista de acrescentar e esclarecer os mais possível a sua epopeia de imagens mas, também, de determinar a sua grandiosa **mensagem...**

A maior parte das suas pinturas mantiveram-se como um vigoroso esboço, executado febrilmente, como quem não dispõe de um minuto para rever um pormenor ou de tempo para concretizar tudo o que quer dizer numa vida que parece sentir encurtar-se a todo o momento!

Se a morte tão abruptamente não tem interrompido, aos 57 anos, esta estonteante vida criativa, que caminhos teria continuado a seguir a sua arte e, sobretudo, a sua pintura, já de grande síntese formal e cromática e totalmente absorvida por realidades tão profundamente humanas?! Nunca poderá ser dada qualquer resposta, até porque Abel Salazar **não se repetiria** a acrescentar mais quadros à sua vasta galeria e, sobretudo, porque os caminhos que prosseguia inexoravelmente eram os que só um espírito altamente privilegiado pode empreender.